

Cadernos de processos audiovisuais

Página 2

Experimentar uma escrita fabulada, para que as palavras, signos por natureza, estejam no lugar das imagens. Nada muito díspare da natureza do documentário, porque é disso que ele trata: fabulação e performance em tempo real, para plasmar, em imagem e som, um eterno presente. Um presente que, tal como num moto perpétuo, se ancora e se refere no passado, num fluxo que ata os acontecimentos ao futuro e à duração do nosso tempo de vida. O documentário enquanto essa construção performática do real.

E falo disso num contexto em que apenas o fato de se propor a escrita de um documentário já gera uma microrrevolução no seio dos estudos deste gênero, dentro da linguagem cinematográfica e audiovisual: por ter indexação na realidade, ao documentário não seria permitida a formalização de sua estrutura ovular em um roteiro literário, haja visto que ele é guiado pelo acaso da situação-verdade, do “registro in loco” (PENAFRIA, 1999), que têm por definição mesma serem inéditos e irrepetíveis.

Mas escrever por sobre o real se transformou em um questionamento de pesquisa para mim, sobre o qual eu ponderei, em minha dissertação: “Perscrutar, então, meu trajeto enquanto contadora de histórias e realizadora audiovisual que lida com a questão seminal do cinema – o uso do espaço e tempo –, não de uma forma clássica, cartesiana e rígida; mas sim respeitando os fluxos de memória e o eterno presente da duração, que o fabular permite e cristaliza. (...) Entender como memória, fabulação e dramaturgia podem formatar um roteiro de documentário, sem transformá-lo em uma anomalia de linguagem – haja visto que, dentro do que tradicionalmente se compreende como linguagem documental, ela não está esteada na escrita de um roteiro, tampouco, explicitamente, lida com o ato de fabular ou obedece as regras do drama.”

Notem, me proponho a escrever por sobre o real. Ou seja, trazer para a superfície da pele da realidade os sentimentos trazidos pela lava da minha subjetividade. Usar a linguagem para entabular um diálogo entre as alteridades: a minha e as suas. Escrever uma espécie de planejamento para esperar que o acaso me encante. Uma espécie de hocus-pocus ao contrário, um contra-feitiço para potencializar o feiticeiro. Fabular o real para que ele, sendo aparência – como diria Nietzsche –, seja também algo para além do que se vê.

Exercício de hoje: feche os olhos por alguns minutos, e esvazie sua mente. Mergulhe na no magma de sua alteridade e deixe a emoção correr solta, em desalinho, sem nenhuma amarra. Quando você voltar desse mergulho, se permita escrever por dez minutos, sem parar de teclar, ou sem tirar a caneta do papel. Como se aquela escrita fosse uma erupção, um jorro. Não se contenha nem se auto censure. Ao acabar o tempo, deixe a escrita como está e vá fazer outra coisa. Quando voltar à escrita, veja se ela faz sentido, se ela te diz algo. Muito provavelmente, você terá encontrado uma história, ou um fio da meada. Respeite-a/o.

(Quem me ensinou esse exercício foi a atriz, arte-educadora, diretora teatral e pós-doutora Meran Vargens, de quem eu tive a honra de ser aluna no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. E viva a universidade pública para sempre!)